

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor,

Director,

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Aleindo Dias Pereira

Vitorino Simões Lopes Sampaio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

Cartas aos republicanos vimaranenses

Velhos e... novos republicanos

VIII

Discordo totalmente das classificações de «velhos» e «novos» republicanos.

Os «velhos» merecem-me respeito, por eles nutro simpatia, mas nem só por serem «velhos» se sentem no direito de se julgar os únicos republicanos deste país.

Acho-me muito reconhecido pelos esforços dispendidos em prol da causa republicana, agradeço-lhes os sacrificios feitos, mas nem só por isso os devemos considerar merecedores da primazia, da dignidade e da excelência do republicanismo.

Fizeram muito, é bem verdade, mas não tanto que mereçam distinção.

Os «novos», que sempre tiveram a noção do dever, não dispensam as suas lições como não mais nam dos seus intuitos.

De há muito se convencem que aos «velhos» devem uma grande parte das regalias que usufruem, que foram eles os autores, os sublimes autores das liberdades civil e política de que gosam, e que a eles pertence o soberbo exemplo de humanismo tão pouco vulgar em nossos dias.

Sobretudo, o soberbo exemplo de humanismo que quasi não existe em nossos dias.

Mas, daí a permitir-lhes a jactância da sua personalidade; daí a consentir-lhes a impertinência da sua «superioridade histórica»; e a autorizar-lhes a divisão de que se ufanam e que consideram indispensável, vai grande distância, mas que os «novos» vencerão sem requerer ou impedir meio de transporte.

Assim mesmo. Vai uma distancia transponível, que não cança nem fadiga.

O rigorismo, a severidade moral dos seus princípios em nada os distingue do legítimo noviciado de princípios dos chamados «novos», da exaltação de ideal que sublima e entusiasma os seus cérebros em formação.

Presunção e água benta...

Eu rio-me com vontade quando alguém, dos tais «velhos» por exemplo, se entrega ao orgulho de individualisar o seu republicanismo sem má-

cula para postergar e diminuir o sentimento republicano dum «novo».

E rio-me com vontade, porque ao apresentar-se em atitude conselheiral, verdadeiramente acaciana, a sua presunção o torna ridículo, picaro e grotesco, e tais trejeitos exhibe com os lábios e com os olhos que me força a desculpar-lhe o pedantismo e a calar o desejo de o abater do pedestal a que pretendeu subir.

Não fôra o respeito que se deve a um velho, e abatê-lo-ia do pedestal em que se alcançou.

¿ Em quê, o devemos diferenciar de nós outros, os novos?

¿ Que razões nos levam a abdicar dos nossos direitos, dos nossos desejos e das nossas vontades?

¿ Porventura, a sua idealogia avelhada leva vantagem sobre os novos processos políticos que ambicionamos impôr?

¿ Não foi cometido muito erro?

¿ Não houve muita tolice por extemporânea?

¿ Acaso, a época se coaduna com processos políticos que devem ser considerados já virtualhas dos antigos processos empregados?

¿ O republicanismo de ontem avanta o republicanismo dos novos?

Propuzemo-nos criar a Marathona do ideal republicano.

Aberta a inscrição, nós, os novos, ocupamos pressurosos o ponto de partida.

Aguardamos o sinal para a arrancada e vemos que ao nosso lado já estão alinhados os velhos.

A meta é distante, é certo, mas o ânimo não falece em nosso peito.

Atingi-la-hemos, confiantes na vitória.

¿ Assim também acontecerá aos que se inscreveram antes de nós?

¿ Os «velhos» cuidarão em acompanhar-nos?

A carreira vai ser vertiginosa, e onde encontrar energia que iguale a nossa?

Marchamos na corrida, a

plenos pulmões sorvendo o ar lavado do nosso ideal.

A nosso lado, outros correm também, preocupados como nós em absorver o mesmo ar puro das nossas convicções.

Corremos, corremos sempre, admiráveis de élan e de confiança...

A nosso lado, outros correm também...

¿ Quem vencerá?

¿ Qual o maior número dos vencedores?

Eu confio na absoluta lealdade dos novos, na lealdade e na sua acção.

Conhecendo bem das suas obrigações, não se exinem a solidarizar-se com os velhos — pois se todos nos empenhamos pelo bem da República! — e a prestar-lhe o concurso de que eles necessitem.

Porém, a Marathona continua...

A República é para todos os republicanos.

A distância a vencer é grande, mas vamos à cabeça dos concorrentes, com probabilidades de triunfo.

E ou os velhos nos acompanham ou terão de desistir em meio da prova.

¿ Por quê, pois, a distinção de «velhos» e «novos»?

¿ Não nos empenhamos todos, mas todos, no desejo de prestigiar a República?

¿ Não ambicionamos acabar com os dissídios, as intrigas e os ódios?

¿ Não nos façam rir, que o momento é pouco propiciatório a risos.

Um por todos e todos por um!

Pelos velhos e novos republicanos!

Pela República!

1930. L. COELHO

N. do A. — Na minha sexta carta, que o *acusado* não permitiu que visse publicamente, lembrava algumas gralhas das três últimas publicadas, mas o leitor relevará a falta de composição.

Prof. Jerónimo Ferreira Botelho

Em Vilas-Boas, Vidago, encontra-se desde o início das férias o nosso querido correligionário e estimado colaborador, sr. Prof. Jerónimo Ferreira Botelho, que se fez acompanhar dos seus interessantes filhinhos.

Os nossos cumprimentos.

Subsídios de sobrevivência

A Providente

Em Guimarães, acaba de se estabelecer a mais perfeita organização de sobrevivência — A Providente — criada em Portugal, que abrange ambos os sexos de 21 aos 55 anos. Esta Associação dos Socorros Mútuos, que facilita um legado aos herdeiros dos inscritos, na razão de dez mil escudos por cada mil sócios existentes á data do pagamento, já pela barateza de prémios já pela reputação adquirida com os seus contractos, é das mais vantajosas e nela poderão inscrever-se pessoas de toda a condição social.

A sua correspondência foi entregue ao nosso querido amigo e conhecido agenciário, sr. Alberto Gomes Alves, que, dadas as suas belas qualidades de trabalho e simpatias que tem nesta cidade, há-de certamente angariar muitos sócios para a Providente, e, disso estamos certos, em muito contribuirá para o desenvolvimento da bem organizada Associação seguradora.

Ao sr. Gomes Alves as nossas felicitações e os nossos cumprimentos.

O suor dos pés

Fétido e nauseante, tomefacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 aplicações de

«TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis

e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12500 em todas as farmácias

DEPÓSITOS:

Lisboa — Pestana, Branco & Fernandes, Limitada, Rua dos Sapateiros, 39 - 1.º

Porto — Drogaria Moura, Limitada, Largo de S. Domingos.

Coimbra — Centro Comercial de Drogas, Limitada, Praça do Comércio, 27.

Envia, sem mais despeza, para qualquer parte;

CORREIA DE MELO

Praça Municipal, 11 — Braga

Agradecimento

Antonio de Freitas Ribeiro, desta cidade, confundido com tantas e tão penhorantes provas de amizade e dedicação testemunhadas por inúmeras pessoas, que durante a grave doença que o deteve largo tempo no leito lhe dispensaram, interessando-se pela sua saúde, a todas se confessa muito grato e reconhecido.

Guimarães, 7 de Agosto de 1930.

Antonio de Freitas Ribeiro.

A Tuberculose

Dório, ilustre colaborador do «Pro Vimarane», há tempos que vem pugnando pela saúde pública, combatendo sem tréguas a peste branca, e pedindo que providências sejam tomadas neste concelho onde a deficiência de salário e de alimentação dá passo á terrível tuberculose, contagiando-nos e depauperando a raça, e tem-no feito com tal brilhantismo e elevação, a ponto de não podermos deixar passar em claro esta campanha que, quanto a nós, é das mais justas e das mais nobres.

Dório conseguiu despertar quem tem obrigação de velar pela saúde pública, mas convencemo-nos que esse despertar ainda não é o verdadeiro e que, da caniceira na vigia, só um abrir e fechar d'olhos se vê.

Pela nossa parte, aceite quentes aplausos, e creia que também nos empenharemos de futuro nessa cruzada santa de defender a saúde pública.

Seremos intransigentes, e forçaremos a nota sempre, enquanto que trabalho se não veja, clamando, gritando e berrando: por providências!

¿ Não se falou já na criação dum pavilhão destinado a tais doenças?

¿ Não existe um projecto para um Dispensário?

¿ Que ná feito ou o que se pensa fazer?

Providências! Providências, senhores!

«REPORTER X»

Recebemos da administração deste semanário o sumário do segundo número, que não publicamos, por á hora que o nosso jornal circular, já é conhecido por todos os assinantes e apreciadores do «Reporter X».

Caldas de Vizela

Aluga-se a longo prazo (5 ou 6 anos) ou vende-se, uma linda casa, de construção nova, com água e quintal, situada no centro da povoação, com frentes para a Rua Ferreira Caldas e Praça da República, (Mercado), com sete divisões.

Para vêr e tratar com Domingos Costa, na mesma casa

Empregado-Gerente

Habilitadíssimo para o desempenho de qualquer ramo Comercial ou Industrial oferece-se com 34 anos de idade. Dá e exige referências podendo entrar com a caução de 5.000\$00. Reposta a este Jornal às iniciais C. G. G.

PHILIPS RÁDIO
Bernardino Jordão, Filhos & C.
GUIMARÃES

A OS INCAUTOS

Onde se prova das "bôas" intenções dos monárquicos portugueses

Do «Jornal de Notícias» transcrevemos o extracto duma reunião de monárquicos que, por todas as razões, vem alicerçar as nossas suspeitas quanto ás bôas intenções dos monárquicos portugueses.

E' ler, senhores!

«O Nucleo Regional do Porto das Juventudes Monárquicas Conservadoras vem realizando com grande brilhantismo uma série de conferencias instrutivas e dos factos mais memoráveis da nossa história pátria.

No cumprimento do programa elaborado, realizou-se ante-ontem mais uma dessas sessões, esta dedicada ao encerramento solene dos trabalhos no ano de 1929-30 do «Serviço de Instrução e Propaganda Histórica».

A sessão teve lugar no amplo salão nobre do Centro Commercial do Porto, começando ás 22 horas. Assistencia selecta e distinta, predominando os elementos mais em destaque na política monárquica.

Na presidência o sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, secretariado pelos srs. Conde de Vilas Boas e Conde da Aurora.

Fala em Primeiro lugar o sr. Julio da Costa Pinto.

Começando:

«Devia estar neste lugar o sr. Conselheiro Aires de Ornelas, lugar-tenente de D. Manuel I. Um incomodo de saúde não permitiu que Sua Ex.^a se deslocasse até esta cidade.

Tece um hino de louvor ás qualidades de trabalho e de intelligencia do sr. conselheiro Aires de Ornelas, o que motivou uma estroiosa ovação.

Uma afirmação:

«O sr. conselheiro Aires de Ornelas soffre ha 20 anos com grandeza de alma os horrores da vida publica deste paiz.

(Aplausos).

Elogia tambem as qualidades de trabalho do sr. dr. Francisco Pereira de Sequeira, que tem sido a alma do Nucleo do Porto das Juventudes Monárquicas.

E' daqueles que morrem nobremente por uma ideia.

«O espirito de sacrificio é já hereditario na sua familia, de geração em geração—uma familia que galhardamente tem servido a causa dos Reis de Portugal.

Refere-se á nota publicada ha dias pelos dirigentes da causa monárquica. Diz ella que devemos apoiar a ditadura.

E afirma:

«A ordem vem de quem manda. Não hesitemos, pois, em lhe dar o nosso apoio.

Como devemos apoiar?

Há uma maneira positiva, prática, que todos nós conhecemos. Seremos sempre o anel de aço, o

elo duma cadeia forte que nada pode desfazer. E vamos apoiar a ditadura sob a égide duma figura nacional—a do Conde de Arnoso.

Termina lançando a ideia de que todos os nacionalistas vão junto da sepultura daquelle titular depositar um braçado de flores, pedindo-lhe inspiração, força sufficiente para tornar ainda mais forte a cadeia que os une.

Recebeu fartos aplausos. Fala a seguir o sr. dr. Francisco Pereira de Sequeira, que foi recebido com uma prolongada salva de palmas. Começa por se referir á figura do dr. Pinheiro Torres, a quem chama o verdadeiro Pedro Eremita da causa santa pela redenção dum Portugal melhor.

(Aplausos).

Entrando propriamente no assunto do seu trabalho—a fisionomia moral do general Silveira—produz um interessantissimo discurso, cheios de profundos conhecimentos historicos sobre a figura do valoroso militar.

Ao terminar, foi muito aplaudido.

Como se achasse presente um dos membros da familia do general Silveira, foi por um dos assistentes pedido que fosse rezado um Padre-Nosso e uma Avé-Maria por alma do brioso Conde de Amaranthe. O pedido foi atendido, tendo aquelas orações sido recitadas no meio do mais profundo respeito.

Falou depois o sr. Conde de Aurora. Focou a figura de D. Sebastião de Calheiros. Terminou pedindo que vissem nele—orador—um ardente camarada e irmão de armas.

(Muitos aplausos).

O sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, que usa a seguir da palavra, começa por dizer que as suas primeiras palavras são «para a nossa alegria e para o nosso orgulho de portugueses».

Depois de realizar um entusiastico discurso, que a todos empolgou, refere-se á figura santa e heroica de Nun'Alvares.

E diz: «E' ele que nos ha-de libertar dos nossos inimigos do interior!»

(Aplausos vibrantes).

Fala depois do sr. dr. Oliveira Salazar, fazendo a seguinte afirmação:

«Pela boca desse homem, fala pela primeira vez a voz da nação, depois de se conservar calada durante muitos anos.

(Palmas e vivas).

Esse homem, pelo seu character, pela sua fé, está á altura da nação. E' um homem que quer salvar Portugal.

No campo contrário, ha apenas quem deseje voltar ao poder para saciar odios e intrigas».

(Palmas).

E termina com as palavras de Afonso Domingues, na historia da abobada:

«Vencemos, Senhor Deus? Foi muito aplaudido. Estava terminada a sessão.

PARA A HISTÓRIA

OS MONÁRQUICOS E A REPÚBLICA

Um banquete no Paço de Belem

No governo dos povos, os factos e os exemplos do passado, que sucessivamente nos veem sendo transmitidos pela verdade da historia, devem constituir poderosa matéria de orientação para os governantes de cada época.

E' que na vida social dos povos o passado é sempre um livro aberto, cheio de conceitos e ensinamentos que podem e devem ser applicados á vida politica de qualquer época.

Um pensamento, sobre todos, deve orientar os homens de Estado. E' o de evitarem a repetição de factos que a historia nos diz estarem já reconhecidos como erros.

E nesse momento da vida portuguesa, em que se estão esboçando novos métodos e novos processos politicos e administrativos para serem adoptados pela República, tudo aconselha que o passado não seja esquecido e que tiremos dele todas as possiveis lições que nos possam inspirar e orientar, por forma que desta conjuntura possa sair bem dignificada a Pátria, prestigiada a República e bem unida e pacificada a familia republicana, que é a quasi totalidade da familia portuguesa.

Seja-nos, pois, permitido lembrar nesta hora de ensaios e preparação do futuro alguns factos que podem ser autenticados pelo testemunho dos homens que os presenciaram.

* * *

Inverno de 1918.

Corria monótono e frio o mês de Dezembro. Sidónio Pais presidia aos destinos da Nação.

Os monárquicos, com as suas atitudes dúbias, deixando bem transparecer já a sua deslealdade, vinham desgostando profundamente Sidónio Pais.

No dia 5, para se comemorar o 1.º anniversário do sidonismo, houve lauto banquete no Paço de Belem.

Sidónio Pais convidou militares e civis.

Mas, coisa de notar: Convidou pessoas que o tinham ajudado a preparar e a vencer o movimento de que ele foi chefe, mas só pessoas que ele sabia republicanas.

Entre os assistentes estavam os seguintes senhores, além de outros nomes que podiamos indicar: Mário Mesquita, Jorge da Costa Pereira e Manuel Henrique de Faria.

Na altura própria, houve os brindes do costume. Falou muita gente. Fizeram-se afirmações republicanas. Foi vituperado o procedimento de deslealdade que se viu revelando por parte dos monárquicos.

Falou, por último, Sidónio Pais. São de agradecimento as suas primeiras palavras. Referiu-se depois á nova orientação politica que pensava dar á situação a que presidia. Magoado, por ter acreditado sinceramente nos monárquicos, refere-se tambem á sua attitude.

E termina o seu discurso com as seguintes palavras:

«Fomos demasiadamente para a direita; precisamos ir agora um pouco para a esquerda».

Foi assim que Sidónio Pais terminou, ao falar no banquete do dia 5 de Dezembro de 1918.

Ficam arquivadas textualmente as suas palavras, para que a historia as possa registrar. Falando assim, Sidónio Pais era insuspeito.

Carvalho Duarte.

[Da «República» de 11/8/1930.

¿ Pai?

Monstro ou seixo

Toda a gente soube da queda fatal do condutor duma das camionettes que carreiram entre esta cidade e o Porto.

De tal forma caiu desamparado, que, a poucas horas da sua entrada no hospital, o inditoso rapaz veio a falecer.

Mas o que ninguem soube—e este caso torna bem defenido o character de determinados cavalleiros e a ponto de merecer registo—, foi da desumanidade do pimpalhão ricaço que o acaso fez passar por ali, á hora da triste occorrença, e que podendo ter prestado um melhor serviço, e mais rápido—¿ quem sabe se o sinistra-se salvaria por ter dado entrada a tempo em qualquer hospital?—o não fez, decerto por verificar que se tratava dum seu filho, embora ilegítimo.

Há corações de pai que não valem o dum animal qualquer.

Monstro ou seixo, o lord que se permite criticar tudo e todos, a lingua de prata desta cidade, praticou um acto que ninguem louvou ao pretender esconder o seu pecadilho, depois de os presentes se certificarem do auxilio que poderia ter prestado, visto que o automóvel em que viajava em nada se mancharia por conduzir um ferido a um hospital.

Mas, sempre foram os mesmos estes moralistas... cospilheiros das honras alheias!

Dr. Oliveira e Sá

Este devotado republicano e illustre professor do nosso Liceu, acompanhado de S. Ex.^{ma} Esposa e filhinhos, encontra-se no Porto em gôso de férias.

José de Freitas Guimarães

Aos estragos duma pertinaz doença, faleceu na quinta-feira passada o sr. José de Freitas Guimarães, sócio da importante «Fábrica de Tecidos do Minhoto, Lim.d^o» e cunhado do abastado capitalista, Ex.^{mo} Sr. João Teixeira d'Aguiar.

Era muito estimado no meio vimaranense, pelo que a sua morte foi muito sentida.

A hora adiantada da publicação do nosso jornal inibe-nos de descrever a concorrência do seu enterro.

«A Velha Guarda» apresenta á familia enlutada os seus mais sentidos pésames.

O momento político

Felicitações da comissão administrativa de município de Guimarães aos membros do actual Governo

O sr. presidente do Ministério recebeu, ontem, o seguinte telegrama:

«A comissão administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, a quem o presidente e o administrador do concelho, seus delegados, relataram o que foi a magna reunião dos presidentes dos municípios, realizada no dia 30 do mês findo, e o entusiasmo com que foram ouvidos os discursos de v. ex.^a e dos ex.^{mos} ministros do Interior e das Finanças e com que foi acolhida a fundação da União Nacional, cujo fim, eminentemente patriótico, até os irreductíveis inimigos do regime aplaudem, num gesto que sobremaneira os honra e mostra que nos seus peitos batem corações portugueses, não podia ficar impassível na presença de um acontecimento de tamanha importância para o País, e que há-de mostrar aos seus vindouros, como é sincera a união dos povos ao Governo da Ditadura Militar, convictos de que foi por ella que a queda no abismo foi suspensa, e através dos maiores sacrificios veem brilhar a esperança de uma nova vida nacional de paz, justiça, prosperidade e grandeza. Por isso, na reunião de 6 do corrente a comissão resolveu cumprimentar v. ex.^a e seus illustres colegas, dirigindo-lhes as mais ardentes felicitações. E, confiando na benevolência de v. ex.^a, ousa pedir se digne ser o transmissor dos seus sentimentos, que encarnam os das populações que administram, porque a ninguém é desconhecido quanto cada um dos ex.^{mos} ministros tem feito em beneficio da Pátria. Saúde e Fraternidade. — (a) António Coelho da Mota Prego».

Do Diário de Notícias de 14-8-1930.

Prevenção

Manuel Sequeira, do lugar de Covas, freguesia de Polvoreira, declara que se não responsabiliza por qualquer dívida contraída por sua mulher Maria do Carmo ou qualquer outra pessoa de sua familia.

Guimarães, 14 de Agosto de 1930.

Manuel Sequeira.

Não demorem a sua inscrição de sócios na

A. S. M.

«A PREVIDENTE»

Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral—Dr. José Figueira d'Andrade, advogado
Cons. Fiscal—Dr. Guilherme Machado Braga, médico
Direcção—José Pinheiro, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobrevivencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessoa a quem o socio legue o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes á data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivencia

Peçam esclarecimentos ou prepostas que serão fornecidas na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO
TELEFONE 4-750

Acceitam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:

O sócio correspondente — Alberto Gomes Alves
Rua da República, n.º 85.

Aviso ao público

A Administração Geral dos Correios e Telégrafos previne o público em geral de que tomou sobre si o encargo da organização da LISTA DOS ASSINANTES DA REDE TELEFONICA DO ESTADO, para 1931, e que todos os assuntos referentes á mesma lista serão tratados por funcionários seus, que se apresentarão aos assinantes ou anunciantes com uma credencial passada pela 2.ª Divisão da Direcção dos Serviços de Exploração Electrica.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Sub-Agência em Guimarães.

Segundo Comunicação da Direcção Central, os Cartões de identidade dos Combatentes da Grande Guerra, foram modificados para vermelho. Os antigos não tem validade.

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»